

Palavras ou expressões que se perderam [ou não] em meio à escrita: um ensaio sobre o escrever

*Ronaldo Luis Goulart Campello**

Pai, poeta, professor e pesquisador. Mestre em Artes Visuais e inquieto.

 <http://orcid.org/0000-0003-1471-8040>

*Ursula Rosa da Silva***

Professora Titular da Universidade Federal de Pelotas, atuando nesta universidade desde 1995. Possui Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (1988), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1992), doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002) e Doutorado em Educação (UFPEL/2009). Atualmente é vice-reitora da UFPel, foi Diretora do Centro de Artes da UFPel, de 2013 a 2021. É professora do programa de Mestrado em Artes Visuais (UFPel), atuando na linha de Ensino da Arte e Educação Estética.

 <http://orcid.org/0000-0003-0815-6942>

Recebido em: 09 ago. 2021. **Aprovado** em: 20 fev. 2022.

Como citar este ensaio:

CAMPELLO, Ronaldo Luís Goulart; DA SILVA, Ursula Rosa. Palavras ou expressões que se perderam [ou não] em meio à escrita: Um ensaio sobre o escrever. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 1, p. 236-241, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8364554>

RESUMO

Antes de tudo é bom salientar a intenção deste ensaio que tenta organizar o caos dos pensamentos de um professor pesquisador. Um poeta andarilho que escapa em seu professorado e, também, de sua pesquisa a partir do ato de escrever, buscando operar um método cartográfico de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Escrever; Docência; Cartografia.

RESUMEN

En primer lugar, es bueno enfatizar la intención de este ensayo que intenta organizar el caos de pensamiento de un docente, investigador. Un poeta errante que escapa de su átedra y tambien de su investigación através del acto de escribir, buscando operar un método de investigación cartográfica.

PALABRAS LLAVE: Escribir; Enseñando; Cartografía.

*

 ronaldo.campello@hotmail.com

**

 ursularsilva@gmail.com

O que escapa no entre do silêncio e da palavra dita?

Escrever é empurrar a linguagem - e empurrar a sintaxe, pois a linguagem é a sintaxe - a um certo limite, que pode-se expressar de diversas maneiras: limite que separa a linguagem do silêncio; limite que separa a linguagem da música; limite que separa a linguagem do piado doloroso... (Deleuze, Abecedário. Vocábulo A de animal)

Escrever é excitar uma potência criadora. É encontro: interno e intenso. É devir, sempre por se fazer (DELEUZE, 1995). Escrever é *desconstrução* que ocorre de maneira singular. Construção que se faz de forma sutil, nos *reconstruindo* com mais ou menos potência na experiência de experimentar este processo. É movimento que revela pistas, deixam rastros, pegadas pelas quais podemos seguir ou não, são rotas de fuga construídas com ou sem intenções de por ali retornar. “Escreve-se lendo, sobre uma mesa cheia de livros. E entre ler e escrever, às vezes, acontece algo, acontece algo conosco. Talvez isso que chamamos de ‘pensar’ seja a experiência desse ‘entre’ (LARROSA, 2015, p. 139). O pensar é questão intrínseca, encrunhada no ato de se produzir a escrita. “Pensar [...] é um ato perigoso” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 58).

Escreve-se a partir de um palimpsesto, do que no plano das ideias ficou no entre, ou do que se registrou no antes, e, é ainda tão ou mais arriscado, pois é preciso mover o pensamento, deslocar-se, extrair e fazer partir as massas de ar poluídas e trazer as limpas...

É como deixar fluir as águas turvas em um córrego barrento, não fazer barragens. Um palimpsesto é retornar a uma ideia antes e nela crescer, acumular, adicionar, aumentar algo que ficou nas frestas, no vazio e que não se fez palavra, não deu lugar ao verbo...

A [re]escrita de um texto é tão arriscada quanto cavalgar um corcel. É como sair em caminhada em deserto salino vago e fulgente, fugaz de um cândido e branco esplendor, tão lindo e perigoso quanto mortal, tal como a docência. Pois, quem dobra-se perguntando-se sobre sua docência [re]escreve-se.

Lhe pergunto: Por onde caminhar em meio ao caos que agora desenho com o sangue que inunda as palmas de minhas mãos? Por onde esgueirar-me se no silêncio que ocupa os ruídos que de minha escrita escapam, pois, precisarás saber que apaguei todas as trilhas que havia construído com os signos de minha escuta e verbo que me habitam e criam palavra...

Deles o que me habita são poucos os sonhos... Até mesmo as pegadas não as tenho mais... O deserto fechou suas portas e dele não colho mais seus aromas, somente o sol me brinda as

faces impondo-me que ande com os ombros curvados procurando alguma trilha, uma fugidia visão, uma febre...

Não busco na homeopatia das ervas a cura, mas em seus vapores deixar este plano, tomar distância e observar, como faz o pássaro do destino que do alto me reprimi em meio ao platô por onde me perco.

Ouçã! '[...]'

'[...]' Sim, ouça o vazio cavalgar a ímpia tempestade que verga os carvalhos que tocam os céus...

É ali neste vazio, no entre que o ruído de minha escrita escapa, e dele o que faço é temperar a febre que arde em meus pulmões... É desejo de tecer textos, tramar teias, tecidos, trair, decepcionar, pois a decepção é uma troca, ela nunca é só. São como linhas aferentes e eferentes que correm em via de mão dupla.

O oleiro quando conforma-artefaz suas peças, não sabe exatamente como elas irão ficar, sabe sim de antemão, como manusear o barro, a velocidade que empregar ao seu torno, a quantidade de barro... Assim como oleiro, para o poeta, a palavra tem outro signo, e ao permitir passagem o escrever é "atravessado por estranhos devires que não são devires-escritor" (DELEUZE; GUATTARI 1998, p. 21), é outro tipo de manusear a pena, o vocabulário adquire outra constelação, outras singularidades.

A escrita é como algo que ainda não se concluiu. Há outros jeitos de se lidar com ela. A escrita encontra-toca cada um de nós em uma velocidade distinta... Escrever abre-nos fissuras na pele, rasga-nos a carne, cria procelas ou simplesmente nos passa como uma suave brisa, nos provoca quedas, fraturas... Pensar dói. Faz-nos retirar chaves de um claviculário e abrimos ou fechamos portas que queremos abrir ou cerrar...

O que permanece no entre do silêncio e da palavra dita?

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto. Para escrever tenho que me colocar no

vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio extremamente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? Escrever é uma pedra lançada no fundo do poço. (LISPECTOR, 1978, p. 13)

Por fim, talvez não sejamos outra coisa que não um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para aí tentar recolher as palavras que falem por nós.

Recorrer às ruínas de minhas memórias para pensar sobre escrita é abrir o chão sob meus pés. É buscar compreender antes a leitura. “A leitura é um jogo que se joga em solidão e em silêncio” (LARROSA, 2015, p. 111), ler envolve o tocar, sentir, perceber, demorar, durar; envolve acalmar espíritos inquietos e deles obter dos ruídos que se faz no tropel de seus cascos, melodia, na leitura é onde apanho pedaços que sobram de outras literaturas, histórias, falácias e sopros de vontade, e o que escapa deste silêncio, produzindo deste modo ruídos, e destes ruídos o que fica é a escrita, e modifica o que antes era silêncio e agora é palavra. Agora a palavra toma vida, cria corpo. O que antes não existia e estava em silêncio, agora busca espantar-se. Percorrer as ruínas da memória e organizar o caos, caos aqui pensado como potência criadora, instaurado em minhas lembranças e buscar escapar da solidão [povoada] de minha consciência para compor-agenciar, pois “as palavras comuns começam a nos parecer sem qualquer sabor ou anos soar irremediavelmente falsas e vazias” (LARROSA, 2015 p. 07). Escrever é uma provocação, uma afronta que gera encontros, “minha escrita brota da solidão, do fundo desta solidão encontro pessoas, ideias e pensamentos. Minha solidão povoada de vozes, de textos, de palavras, de encontros, histórias, acontecimentos e imagens” (PÉREZ, 2003, p. 01).

Busco essa solidão para encontrar-me com outros que me habitam, transitam, agenciam-se em mim e por entre mim; que estão no sangue de minhas veias, no suor de minha pele, nas rugas de minhas faces, nas formas sensíveis de sentir como sinto a brisa que me toca. Busco a solidão, pois ela “só é boa quando voluntária”¹, e, é nela que tais encontros agenciam outros que se mostram na palavra-escrita-verbo-texto-devir.

É dos lapsos cruéis de realidade que busco escapar, e na procela herética da palavra-poesia cavalgar tropéis pueris de palavras-cambaleantes tendo abaixo dos véus de meus olhos

¹ Trecho da música ‘Solidão’ da banda de dark metal m26 que compõe o CD Misanthropia de 2015. Independente.

poeira e vento que transcendem em uma artesanaria, de fazer-ser, aguçar, sentir e buscar alcançar no febril verbo notas dissonantes que escapam em um vir a ser... Desterritorializando processos micropolíticos impulsionando um corpo que oscila em uma palavra-poesia, um devir-docente que se afete em estado de arte. Um cuidado de si talvez? Um fazer-ser professor-pesquisador-poeta, ou então somente um andarilho que anda as margens de uma educação maior, com sinais possíveis de uma prática menor, catando tudo que serve, ou pode servir para decolonizar² um pensamento-escravo, submisso a ditos e não ditos, que se escondem nas capilaridades do aprender, o aprender, este que é uma arte “que consiste em um processo a ser incessantemente recomçado” (DELEUZE, 2005a, p. 1184).

Busco nos tropéus pueris da palavra escrita escrever, pois escrever possui uma afinidade, um parentesco, semelhança um avizinhar-se com oscilações, movimentos, com ondas, com uma aula, sopros de ar. É como areia no deserto bailando, perseguindo o vento. Escrever é agenciamento, pois transforma pensamento em palavra dita, e dá corpo ao que é incorpóreo, corporifica o que faz furos na pele, e inquieta desenhando linhas, mostrando e criando a partir da multiplicidade.

Diz Deleuze: “a multiplicidade é a própria realidade não supondo assim nenhuma unidade, não entrando em nenhuma totalidade e tampouco remetendo a um sujeito” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 08), escrever dá a ver o que à geografia do pensamento se produz no plano das ideias, nas regiões ainda por vir. Outro perigo.

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: CAMPELLO, Ronaldo Luis Goulart.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: SILVA, Ursula Rosa.

² Decolonizar usado no bojo contemporâneo de pontos de vista teórico dos estudos decoloniais.

Referências

- BÁRCENA, F. El aprendiz Eterno. Filosofía, educación y el arte de vivir. Miño y Dávila Editores, Madrid. 2012.
- BUSSOLETI, D. Espéculo. Revista de estudos literários. Universidad Complutense de Madrid. Disponível em:<<https://webs.ucm.es/info/especulo/numero45/nostoscl.html>> acessado em 22/09/18.
- DELEUZE, G. As dobras do lado de dentro de pensamento (subjetivação). In: Foucault. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005b.
- DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005a.
- DELEUZE. O Abecedário de Gilles Deleuze. Descrição de entrevista realizada por Claire Parnet, direção de Pierre-André Boutang, 1988-1989. Disponível em: www.oestrangeiro.net>. Acesso em 09/09/18.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G. Proust et lessignes. Paris: PUF/Quadrige, 1998.
- LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2003, N° 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> acessado em 15/05/15.
- LARROSA, J. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas/ texto de Jorge Larrosa, tradução de Alfredo Veiga-Neto, - 5, Ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015.
- LISPECTOR, C. Um sopro de vida: pulsações/ Clarice Lispector. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- PÉREZ, C. L. V. Imagens Caleidoscópicas: as narrativas autobiográficas na formação das professoras alfabetizadoras. In: 2º Seminário Internacional: As redes de conhecimento e a tecnologia: imagens e cidadania, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:< <http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames>> acessado em 23/09/15